



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU - MIRIM
CURSO DE LETRAS

ANDRÉA ANTONIA GUILHON DA SILVA

GÊNERO E LITERATURA: DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DA PERSONAGEM
LENITA, PRESENTE NA OBRA DE JÚLIO RIBEIRO, *A CARNE*.

Itapecuru Mirim
2017

ANDRÉA ANTONIA GUILHON DA SILVA

GÊNERO E LITERATURA: DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DA PERSONAGEM
LENITA, PRESENTE NA OBRA DE JÚLIO RIBEIRO, *A CARNE*.

Monografia apresentada a Universidade Estadual do Maranhão - Campus de Itapecuru-Mirim/ CESITA, como requisito para a obtenção do Grau de licenciado em Letras Licenciatura em língua portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa.

Professora orientadora: Msc. Maria Lucia Holanda

Itapecuru-Mirim
2017

ANDREÁ ANTONIA GUILHON DA SILVA

GÊNERO E LITERATURA: DISCUSSÃO SOBRE A IDENTIDADE DA PERSONAGEM LENITA, PRESENTE NA OBRA DE JÚLIO RIBEIRO, *A CARNE*.

Monografia apresentada a Universidade Estadual do Maranhão - Campus de Itapecuru-Mirim/ CESITA, como requisito para a obtenção do Grau de licenciado em Letras Licenciatura em língua portuguesa e respectivas Literaturas de Língua Portuguesa.

Professora orientadora: Msc. Maria Lucia Holanda

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

1º EXAMINADOR

2º EXAMINADOR

3º EXAMINADOR

Tenho evitado cuidadosamente rir-me dos atos humanos, ou desprezá-los; o que tenho feito é tratar de compreendê-los.

Baruch Spinoza

À Deus e aos meus pais.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar a Deus, por dar-me saúde, confiança, coragem e por estar comigo em todos os momentos da minha vida principalmente, os mais difíceis pra que eu em momento algum, desistisse de realizar um dos sonhos da minha vida. Obrigada Senhor!

Aos meus amados pais, Marinalva Ribeiro e Cicero Sampaio da Silva, que desde à minha infância instruíram-me a lutar por meus sonhos, haja o que houvesse para que eu me tornasse uma pessoa vencedora.

Aos meus queridos irmãos Aurelina Guilhon Sampaio, Cícero Sampaio da Silva Júnior e Juarez Guilhon da Silva, por sempre estarem ao meu lado animando e torcendo por mim, em especial à minha cunhada Waldinice Pedrosa Sampaio, que muito contribuiu com suas animadas aulas de literatura, boa vontade e compreensão desde o pré-vestibular.

Aos meus amados filhos Yandara da Silva Alves e Felipe André da Silva Alves por serem fonte de inspiração para a realização desse sonho. À todas minhas tias, tios, sobrinhos e sobrinhas que sempre torceram por mim e me apoiaram em algumas dificuldades.

Ao meu querido Amarildo, que desde o início, foi um importante suporte para a realização desse trabalho oferecendo-me total compreensão e amor nos momentos de stress e cansaço.

Às minhas inesquecíveis amigas de luta, Joselma, Josélia, Joelma e Samira Diorama por motivarem-me e contribuírem de forma especial para a realização desse trabalho. Também, em especial ao meu amigo formando Jonatas por sua santa ajuda que ao presenciar a minha dificuldade e quase desespero em encontrar um professor orientador, de imediato indicou-me e motivou-me a falar com a Professora Lúcia Holanda.

A todos os meus professores que passaram por minha vida acadêmica agregando e acrescentando mais ao meu saber.

E especialmente, às minhas queridas Mestras com carinho: Professora Lúcia Holanda-Orientadora e Professora Wanda-Diretora do Curso de Letras, pela total boa vontade, atenção, sensibilidade, amabilidade e, acima de tudo compreensão com que me acolheram pra eu realizar esse sonho.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar sobre a relevante da participação da mulher numa linha do tempo perpassando os séculos XVIII, XIX, XX e XXI, como também a sua contribuição para a sociedade atual. Demonstrar através da análise comparativa, Gênero e Literatura: discussão a identidade feminina, presente na obra de Júlio Ribeiro *A Carne* demonstrando assim, como a mulher era vista segundo os padrões e convenções sociais da época. E em face dessa pesquisa, fez-se uma análise comparativa que referenciam os diversos perfis da mulher brasileira através das obras de outros autores clássicos na história da Literatura Brasileira. Para desenvolver este tema, fora utilizado a metodologia de cunho bibliográfico e comparativa e leitura de acervos bibliográficos, tais como: livros, textos, revistas, artigos entre outros, a fim de contextualizar a eficiência do referido gênero, pois esta, inicia-se com o estudo das obras, para uma melhor compreensão do tema delimitado, mostrando assim, a versatilidade e o perfil da mulher brasileira na cronologia histórica literária.

Palavras chave: Mulher. Sociedade. Literatura. Educação. Leitura.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the relevance of women's participation in a timeline spanning the XVIII, XIX, XX and XXI centuries, as well as their contribution to current society. Demonstrate through comparative analysis, Gender and Literature: discussion of feminine identity, present in the work of Júlio Ribeiro Carne thus demonstrating how the woman was seen according to the social standards and conventions of the time. And in the face of this research, we made a comparative analysis that referenced the various profiles of Brazilian women through the bras of other classic authors in the history of Brazilian Literature. In order to develop this theme, it was used the bibliographic and comparative methodology and reading of bibliographic collections, such as: books, texts, journals, articles among others, in order to contextualize the efficiency of this genre, since this begins with the study of works, for a better understanding of the delimited theme, thus showing the versatility and profile of Brazilian women in historical literary chronology.

Key words: Woman. Society. Literature. Education. Reading.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HISTÓRIA DA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO SÉCULO XVIII.....	13
2.1	O perfil da mulher no Brasil no século XIX	16
2.2	A mulher descrita nas obras literária brasileira	20
3	VISÃO IDENTITÁRIA DA MULHER NA OBRA DE JULIO RIBEIRO <i>ACARNE</i>	25
3.1	Lenita: uma mulher além do seu tempo	28
3.2	Lenita: linguagem e comportamento	29
3.3	Lenita: sexualidade, educação e personalidade	30
4	CONTEXTO SOCIAL DA MULHER NOS SÉCULOS XX e XXI	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo desenvolver uma discussão sobre a identidade feminina da personalidade Lenita, presente na obra de Júlio Ribeiro, *A Carne*, para observar criticamente os processos históricos discursivos sobre o universo identitário, problemas humano e sociocultural feminino proclamado do século XVIII ao XXI, fazendo um paralelo com a natureza discursiva de gênero e literatura que define e compõe a identidade da mulher e o seu papel na sociedade contemporânea. É importante ressaltar, que para a realização do presente estudo buscou-se ainda realizar uma análise comparativa da personagem Lenita da obra *A Carne* com protagonistas de outras obras literárias como: “Iracema”, do autor José de Alencar. “Capitu” de Machado de Assis; “Rita Baiana” de Aluísio de Azevedo; “Gabriela Cravo e Canela”, “Dona Flor e seus Dois Maridos”, “Tereza Batista” e “Tieta do Agreste” de Jorge Amado; todas as mulheres com personalidades fortes e de inteira ousadia no que diz respeito aos seus princípios educacionais e morais em face ao perfil social da mulher do século XVIII.

No decorrer da pesquisa verificou-se o conceito e o significado de ser mulher, a construção de sua identidade no discurso do autor ao criar a personagem Lenita, especificando-se os paradigmas a que a obra se refere e à figura feminina no contexto masculino no século XVIII. Visando aprofundar-se nessa temática, buscando-se estabelecer um paralelo entre os aspectos linguísticos discursivos referentes à identidade da mulher e o seu papel na sociedade do século XVIII em comparação com a da mulher da sociedade contemporânea.

Em consonância a esses fatos, é relevante destacar a mulher em todas suas esferas sociais. Nesses preâmbulos, questiona-se: “Que traços identitários a personagem Lenita da obra Júlio Ribeiro *A Carne* escrita no século XVIII, podem ser comparados aos da identidade da mulher contemporânea? A identidade da mulher contemporânea pode ser comparada com a identidade da mulher do século XVIII?” Nessa perspectiva, foi relevante destacar a mulher e suas dinâmicas contribuições, ela, sempre esteve como alvo do processo para a formação da sociedade brasileira apresentando-se em marcantes papéis atribuídos somente a ela e, pertencentes exclusivamente ao seu gênero.

No Capítulo I, abordava-se sobre a questão histórica da representação identitária feminina no século XVIII e XIX, no qual se questiona como a mulher se prota-

goniza ao longo do respectivo século, ora como um ser frágil, desprovida de inteligência para competir com o homem, com perfil biológico apenas para procriar.

A identidade feminina era algo completamente inexpressiva, marginalizada, tratada como um ser incompleto, frágil e sem vontade própria. As concepções divulgadas acerca da mulher nesse período corroboram para a imagem da mulher sem capacidade de reflexão e raciocínio, reforçando a ideia de subalternidade feminina. Discute-se ainda, a identidade feminina descrita nas obras de grandes autores brasileiros, que contribuíram literariamente para a ruptura ideológica do falso moralismo na sociedade burguesa.

No capítulo II, discute-se sobre visão identitária da mulher na obra de Julio Ribeiro, *A Carne* com o intuito de verificar conceitos e significados de ser mulher no discurso do autor ao protagonizar a personagem Lenita.

No capítulo III, a discussão toma forma com o objetivo de estabelecer um paralelo entre os aspectos linguísticos discursivo em referência a identidade da mulher e o seu perfil desde a sociedade do século XVIII à sociedade contemporânea.

Por último, apresenta-se as considerações finais, delineando as concepções e entendimentos que o presente estudo buscou discutir acerca dos elementos indeniário da mulher a partir de algumas obras consideradas importantes, que contribuíram para definir historicamente a identidade e o valor da presença feminina no contexto social.

A metodologia deste trabalho se dará eminentemente por meio do método comparativo e método bibliográfico, por tratar-se também de uma pesquisa onde serão utilizados como fontes documentais: livros, artigos e materiais disponibilizados pela Internet, ou seja, um estudo aprofundado sobre a temática que sirvam de embasamento para o produto final, que é analisar a partir das mazelas sociais femininas os seus vários aspectos educacionais e socioculturais, o significado de ser mulher e o seu papel na sociedade.

Portanto, para sua realização será necessário uma releitura minuciosa da obra de Júlio Ribeiro “A Carne”, a fim de que seja revisitada a temática da mulher na sociedade do século XVIII ao XXI. Nesse viés, faz-se necessário todas as pesquisas através dos métodos comparativo e bibliográfico.

No método comparativo empregado por Taylor, considerando o estudo das semelhanças e das diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos contribuem para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método

realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. Sobre isto cita (Marconi, Lakatos, 2009, p.92) que “o método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento”.

Nesse viés, têm-se possibilidades de na medida em for que fazendo o desenvolvimento da pesquisa acerca de diferentes tempos socioculturais permitindo assim, a análise em diversos momentos históricos. O autor acima elucida portanto que, apesar da distância cronológica há muito o que se pesquisar e analisar sem por menores ou ainda, empecilhos às mais confrontantes realidades em diferentes épocas sociais.

Esse método ocupa-se da explicação dos fenômenos permitindo analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Constitui uma verdadeira “experimentação indireta”. Com base nisso, é que o método comparativo faz-se necessário a fim de analisar quaisquer que sejam os elementos que compõem o cenário feminino.

Marconi, Lakatos, 2009, p. 92) reafirma:

“É empregado em estudos de largo alcance (desenvolvimento da sociedade capitalista), [...]” e, “pode ser utilizado em todas as fases e níveis da investigação: num estudo descritivo, pode averiguar a analogia entre ou analisar os elementos de uma estrutura” [...].

Enquanto no método bibliográfico, é o método onde há a possibilidade e a disposição de dados informativos que conduzem ao conhecimento. A esse respeito, menciona (Ruiz, 2009, p.58) que “a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pensamentos científico”.

Percebe-se então, que o autor, tem como base de pesquisa científica o método bibliográfico, elencado como um dos métodos mais usuais dentro da ciência, por tratar-se de um acervo de alta referência. Sabe-se que esse método é o mais vasto em termos de pesquisa e concepção literária possibilitando assim, diversos meios de se encontrar alternativas correspondentes ao que se estar pesquisando. É um acervo multicultural de inesgotáveis e diferentes fontes de pesquisa a serem explorados em quaisquer áreas da literatura.

2 HISTÓRIA DA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO SÉCULO XVIII

Desde os meados do século XVIII, sabe-se que a historiografia relata a partir da literatura, que a identidade feminina sempre foi marcada por situações onde a mulher nunca teve o seu merecido lugar. Revendo a história da mulher brasileira, dar-se conta de que tantas viviam sobre a ordem patriarcal que, legitimada pela doutrina religiosa cristã ocidental que buscou suplantar o silenciamento do feminino frente às camadas sociais. No Brasil, as mulheres viviam numa situação de subordinação e dependência dos pais, maridos e se constituindo como propriedade do homem, sem voz, sem direito de expressar ideias e pensamentos nas situações cotidianas.

De acordo com Oliveira (2008, p.1):

Desde menina era ensinada a ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos. A negação de outros espaços além da casa/quintal as afastava também da educação formal, não sendo permitido o acesso à escola.

Ao tecer discussão sobre a mulher no contexto histórico do século XVIII, depara-se com inúmeras situações em que a identidade feminina era algo completamente inexpressiva, marginalizada, tratada como um ser incompleto, frágil e sem vontade própria. As concepções divulgadas acerca da mulher nesse período corrobora a imagem da mulher sem capacidade de reflexão e raciocínio, reforçando a ideia de subalternidade feminina.

Percebe-se que no período do século XVIII, predominava uma cultura patriarcal, onde a superioridade masculina em a relação a feminina era entendida como a real cultura da época, a mulher ocupava sempre a posição de inferioridade, sendo-lhe atribuída nenhuma significância.

O papel da mulher no século XVIII se condiciona apenas em atividades desempenhadas no lar, vivendo num estado de ignorância e submissão ao homem, tornando-se um objeto de amor submisso. E em torno disso, percebem-se inúmeras contribuições e temáticas que trasladaram a literatura brasileira a saber: a mulher nativa, como é o caso das índias, a mulher na condição de escrava negra ou mestiça, mucamas, amas de leite; as mulheres brancas ricas e pobres, a mulher mãe, esposa, rainha do lar todas, sob o regime patriarcal.

No que diz respeito ao perfil educacional das mulheres no século XVIII, sabe-se que elas, historicamente ficaram aquém de um por menor que fosse de instrução escolar, foram excluídas. Essa primazia e oportunidade foram-lhe usurpada, pois somente as mulheres brancas e ricas tinham esse privilégio. Menciona (Cunha, 1998, p.12) que “sobre o universo feminino do Brasil, mais especificamente sobre as mulheres pobres como as escravas, negras e índias que viveram durante o mesmo período cronológico, isto é, desde a chegada da Corte até o Primeiro Reinado. [...] as quais não interessavam à história oficial [...]”.

Nessa perspectiva, percebe-se o preconceito correlacionado à mulher, têm várias vertentes: o primeiro em relação à sua alfabetização, em que dispensaram-lhe apenas a menor educação possível para que assim pudessem educar os filhos, cuidar do marido e da casa; aos princípios morais e bons costumes, já que somente as mulheres tidas como de conduta impecável é que poderiam dedicar-se ao campo profissional e exercer o magistério. Nisso (Cunha, 1998, p.11) menciona que “somente as mulheres de comprovada honestidade podiam ser admitidas como professora de meninas nesse período”. Eram portanto, restritas em ministrar somente algumas disciplinas voltadas para esse gênero.

Com todas essas mazelas sociais e imposições pela sociedade elitizada, no que diz respeito ao campo profissional feminino, era imposto que: uma professora jamais poderia ultrapassar os conteúdos “apropriados àquela época”, por trata-se de um paradigma sociocultural imposto pela sociedade como forma de não ferir a ou afrontar a família, a religião e os bons costumes.

A isto ressalta Maria Lucia Mott (apud, Cunha 1998, p.11):

“Que boa educação para as meninas significava boas maneiras: saber contar, bordar, costurar, além das primeiras letras, das quatro operações e francês. O conhecimento da leitura e escrita era motivo, muitas vezes de preocupação para os pais, pois as jovens poderiam ler os temíveis romances franceses e escrever cartas para os namorados”.

Conforme fatos mencionados, importava portanto que as docentes do século XVIII, por mais diverso e abrangente que fosse o seu conhecimento, jamais poderiam extrapolar a linhagem cultural imposta pela sociedade da época à suas educandas sob pena do exercício da profissão. Naquele tempo, somente as filhas de família mais rica é que estudava. Sobre essa questão, elucida Cunha (1998, p.11):

A família mais abastada, podiam completar a educação de suas filhas em casa, contratando governantas estrangeiras. Muitas dessas mulheres eram olhadas com desconfiança e consideradas como portadoras de ideias liberais “perigosas”. A faixa etária das meninas que frequentavam a escola era, na maioria, dos 7 ou 8 anos aos 13 ou 14, quando o casamento já era um projeto próximo. A educação dessas meninas da elite não visava à formação intelectual ou profissional, mas ao casamento e a formação de mãe virtuosa, para educar os filhos dentro dos princípios da religião.

Diante dessa rígida regra educacional, entende-se que as famílias em hipótese alguma sacrificariam a boa educação de suas filhas, a quaisquer maus procedimentos ou excesso por parte de alguma docente. Têm-se, portanto, o perfil educacional da mulher da elite brasileira no século XVIII: uma mulher prendada, com educação restrita somente ao necessário preparando-lhe para casar e cuidar da criação dos filhos, “arrumando assim um bom partido”.

Outra temática na qual percebemos grande relevância e participação na história da literatura são as mulheres na condição de escrava, nas quais descrevem inúmeras situações.

Diante disso, cita Figueiredo, (2004, p. 95) que:

A precariedade do cotidiano na América portuguesa, moldado pelos estigmas sociais, pelo controle religioso, e pelas dificuldades materiais dos que dispunham de pouco, pesava de maneira especial sobre o grupo das mulheres que viviam como escravas. O cativo das amas-de-leite, obrigadas a alimentar filhos de outras mulheres, constituiu uma das faces perversas da escravidão no feminino. Outra face ainda mais sórdida foi a da exploração sexual das cativas.

O autor, supracita, todo um contexto que de fato, as mulheres daquela época viveram deixando-se abater por condições no mínimo humilhantes algumas até sub humanas, submissas e sem outras alternativas para sua própria existência. Essas práticas, no Brasil escravocrata eram aos olhos da sociedade, consideradas normais. Tanto as amas-de-leite como as escravas eram exploradas ao máximo do limite físico, pois, além dos afazeres domésticos da casa grande tinham também que dar conta de servir seus senhores a todo tipo de desejo sexual e, caso não obedecessem aos seus instintos eram castigadas cruelmente ou mandadas embora.

Nesse mesmo viés de maus-tratos, estas mulheres eram torturadas não só por seus senhores e sim, por suas esposas ciumentas e raivosas onde muitas vezes chegavam não só a torturá-las fisicamente mas, a mutilarem alguns de seus membros. Tem-se, portanto, a presença feminina em diversas vertentes, que perpassa-

ram a cultura e a história protagonizando não apenas a figura da mulher nativa, a escrava mestiça ou negra, a mulher branca rica ou pobre, escravizadas e oprimidas sexualmente; todas elas foram palco também de atenção e destaque social.

A partir daí, entende-se que o Brasil passava por momentos de intensas e dinâmicas mudanças, nas quais percebem-se que os autores brasileiros absorveram sim os traços europeus a ponto de desencadear um embate dialético entre a Metrópole e Colônia, empréstimos culturais estes, sobre as formas de pensar burguesas e liberais para interpretar a sua própria realidade.

2.1 O perfil da mulher no Brasil no século XIX

O universo feminino dessa época retrata inúmeros paradigmas, advindos fortemente do século XVIII. Diante disso, trata-se de mazelas sociais que afetam todo um processo evolutivo das mulheres e que perduram continuamente influenciando-as de forma comportamental e circunstancial. As mulheres desse século eram educadas e culturalmente incumbidas de realizarem determinadas atividades no meio familiar, religioso e sociocultural, conforme a sua condição social seja ela patriarcal ou não.

Nesse viés, observa-se que a identidade da mulher do Brasil no século XIX, sua educação é subdesenvolvida: importava aprender somente aquilo que lhes seriam útil e necessário ao casamento, à vida religiosa ou o contrário, tinham que conformar-se com a sorte. Esse é o típico panorama feminino de cunho social e educacional que ocorria desde o Brasil Colônia ao século anterior e que perdura até o século XIX.

Ainda nesse contexto na América Portuguesa – o Brasil, percebe-se que mesmo as mulheres de famílias abastardas tinham uma educação exclusiva e extremamente limitada a elas e, que eram-lhes oferecida, o mínimo possível de conhecimento -- resquícios do século XVIII, imposto pelos moldes europeus. Nesse sentido, Figueiredo (2004, p.78) afirma que:

As meninas recebiam muito menos instrução do que os meninos, e sua educação era voltada para adequá-las a os papéis que deviam ocupar quando adultas (recebiam conhecimentos precários de leitura e escrita, de operações matemáticas, religião, costura, etc.).

Portanto, entende-se que a mulher apesar de receber alguma instrução escolar ainda que mínima, a sociedade da época, impunha um paradigma educacional simultâneo ao preconceito de gêneros, nos quais eram estabelecidos uma micro aprendizagem, pautada na exclusão intelectual e sociocultural, extremamente corrosiva aos processos evolutivos educacionais. Sobre esta questão, Figueiredo (2004, p.77) enfatiza que: “[...] Assim, na legislação portuguesa vigente, no Brasil, valia o princípio de que a mulher dispunha de um lugar inferior ao homem na sociedade”.

Ainda no tocante à educação feminina, as mulheres pobres brancas, negras ou índias, não tinham acesso ao mínimo de educação; o preconceito eram passíveis e submissas lançadas somente ao trabalho escravo e exploração sexual. No entanto, as mesmas já idealizavam dentro de si o descontentamento a essa situação, visto que já ocorrera a abolição dos escravos, cujo fato inspirava às cativas não só a liberdade do trabalho escravo e sexual, mas também, a liberdade financeira e emocional.

No que diz respeito ao campo de trabalho, poucas mulheres de famílias abastardas é que tinham alguma participação socioeconômica e, assim, trabalhavam para o auto sustento e a manutenção da família em relação a outras. Mesmo com todos os preconceitos e regras impostas pela sociedade a mulher, sobressaía-se. Nesse contexto, ressalta Figueiredo (2014, p. 79):

Apesar de o regime jurídico em geral prescrever regras pouco específicas sobre as mulheres, algumas delas eram muito objetivas. Quando se tratava de sucessão de bens, por exemplo, a mulher, que não era considerada digna, encontrava-se impossibilitada de receber por testamento certos bens como castelo, feudos ou jurisdições.

Nesse contexto, têm-se a presença da mulher em variadas situações social como: as mulheres negras, na condição de escrava; as índias escravas, também na mesma condição e as mulheres mestiças, todas pobres vítimas do trabalho escravo e dos abusos sexuais de seus senhores. Pontua-se, que no século XIX, têm-se ainda a perpetuação do trabalho escravo realizado por estas mesmas mulheres; todas em convívio com a labuta cativa e vítimas dos mesmos abusos.

A esse respeito, ressalta Cunha (2004, p.95):

Muitas escravas eram obrigadas a servir sexualmente seu senhor, outras eram forçadas a se prostituir a fim de alcançar ganhos econômicos para seu dono. Qualquer que fosse a forma que assumisse a violência de escravidão feminina, seus limites ultrapassavam o âmbito da exploração de sua força de trabalho e se estendiam ao corpo da trabalhadora.

Nesses moldes, observa-se que as mulheres tanto instruídas como analfabetas da corte ou do povo, tinham o seu papel designando: a “mulher branca burguesa”, para o casamento, o lar; e, a “mulher nativa, negra e pobre” para objeto sexual ou mercadoria explicitando assim, a dominação masculina sobre o universo feminino. Com base nisso, reafirma Figueiredo, (2004, p.69) que:

Muitos viajantes percorreram nosso território no século XIX e registraram suas impressões em relatos e viagem que representam boas fontes de informação histórica sobre a realidade brasileira no período. A respeito das famílias brasileiras, essa literatura fixou uma imagem de mulheres brancas enclausuradas. Essa reclusão dava margem a certo mistério, que levava a complementar esse cenário de clausura com um ambiente doméstico tenso em razão da sensualidade abafada [...].

Observa-se que as mulheres tanto instruídas como analfabetas da corte ou do povo, tinham o seu papel designando: a “mulher branca burguesa”, para o casamento, o lar; e, a “mulher nativa, negra e pobre” para objeto sexual ou mercadoria explicitando assim, a dominação masculina sobre o universo feminino. No tocante à educação feminina, as mulheres pobres brancas, negras ou índias, não tinham acesso ao mínimo de educação; o preconceito eram passíveis e submissas lançadas somente ao trabalho escravo e exploração sexual. No entanto, as mesmas já idealizavam dentro de si o descontentamento a essa situação, visto que já ocorrera a abolição dos escravos, cujo fato inspirava às cativas não só a liberdade do trabalho escravo e sexual, mas também, a liberdade financeira e emocional.

Sendo assim, entende-se o entrelaçamento entre o contexto histórico e a literatura, a isto reafirma Gilberto Freyre (apud Figueiredo, 2004, p.95-96).

Foram os corpos das negras — que constituíram, na arquitetura moral do patriarcado brasileiro, o bloco formidável que defendeu dos ataques e afoitezas dos dom-juans a virtude das senhoras brancas. Muitas escravas eram ainda responsáveis pela iniciação sexual dos filhos dos senhores de engenho, sendo por isso, chamadas “bonecas de carne”.

Com base nesse entendimento, ressalta-se que: “Entre os grupos de elite rural e urbana, a utilização dos favores sexuais das escravas era uma prática tolerada,

uma vez que parecia preservar a virgindade das jovens brancas” (Figueiredo, 2004, p.95). Nesse viés, mais uma vez as mulheres negras tinham a sua honra ultrajada visto que esses abusos eram recorrentes e negligenciados pela sociedade como se fosse algo normal, dando vazão à sexualidade masculina, outrora reprimida em casa, com as suas escravas toda voltada à sua força dominante, aos seus desejos e fantasias mais selvagens.

Nesses termos destaca o historiador Jaime Pinsky (apud Cunha, 1998, p.14 e 15) que: “O mito de mulheres quentes atribuídos até hoje às negras e mulatas pela tradição oral, decorre pelo papel que lhes era designado pela sociedade escravista. O mesmo historiador cita duas quadrinhas populares, que ilustram o caráter de objeto sexual dado às escravas bonitas”.

Preta bonita é veneno. Mata tudo que é vivente
Embriaga a criatura. Tira a vergonha d gente.
Mulata é doce de coco. Não se come sem canela.
Camarada de bom gosto. Não pode passar sem ela.
(PINSKY, 1988, p.14).

Percebe-se que o autor supracitado, extrema explicitamente a mulher negra, mulata, índia, pobre e cativa como objeto sexual dando vazão à sexualidade masculina, outrora reprimida em casa, com as suas escravas toda voltada à sua força dominante, aos seus desejos e fantasias mais selvagens.

Outras situações subjagam a mulher no Brasil no século XIX já que, na sua educação subdesenvolvida, importava aprender somente aquilo que lhes seriam útil e necessário ao casamento, do contrário, tinham que conformar-se com a sorte. Esse é o típico panorama feminino de cunho social e educacional que ocorria desde o Brasil Colônia e que perdura até o século XIX.

Segundo Figueiredo, 2004, p.14:

[...] O estabelecimento das mais diversas formas de relacionamento sexual, afetivo e familiar entre as pessoas: portugueses vivendo maritalmente com índias em suas comunidades nativas, bandeirantes submetendo as mulheres da terra, senhores de engenho recorrendo a suas escravas africanas, colonizadores casando-se com mulheres brancas trazidas do reino, escravos e escravas unindo-se sob o matrimônio cristão, mineradores e oficiais mecânicos unindo-se por laços familiares a cativas e libertas [...]

Diante disso, verifica-se que as mulheres cativas e também libertas de várias nacionalidades foram um marco histórico a respeito da formação das famílias

brasileiras e que ocorreu, pelas mais diversas mazelas sociais e educacionais advindas desde o Brasil Colônia; e que, muitos viajantes nessa época, século XIX observaram e registraram impressões de que a mulher, sem nenhuma distinção de cor e raça, conviviam num ambiente doméstico abusivo com requinte de tensão, clausura e sensualidade abafada.

Nesse tocante, encontra-se na história registros de que a mulheres negras, nativas e pobres além da exploração sexual, contribuíram também para o ganho sustentável e econômico de seus senhores, por tratar-se de uma sociedade escravocrata que em meio às crises econômicas, tiravam vantagem da situação.

2.2 A mulher descrita nas obras literárias brasileiras

Diversidade de concepções e descrições da identidade e da alma feminina compõe as obras literárias brasileiras, tratando a mulher em suas múltiplas pluralidades e protagonismos no que se refere às incumbências no trato e papéis tanto na vida como na arte, dos extremos da submissão à simplicidade, o ser vil da escravidão e exploração sexual e da burguesia à realeza perpassando assim, os séculos em diferentes contextos.

Na Literatura Brasileira, a mulher assume em todas suas dimensões, outras possibilidades. Renomados autores em suas obras vislumbraram o universo feminino, retratando do Romantismo ao Naturalismo, as mais inusitadas características desse gênero. Dentre eles destaca-se José de Alencar (1808), autor da obra *Iracema (A virgem dos lábios de mel)*, Machado de Assis (1839), a obra *Dom Casmurro (Capitu, olhos de ressaca)*, Aluísio Azevedo (1857), a obra *O Cortiço (Rita Baiana)*, Jorge Amado, as obras *(Gabriela, Cravo e Canela (1958), Tietê do Agreste (1977), Dona Flor e seus dois maridos (1966) e Tereza Batista (1972)* e Júlio Ribeiro, obra de análise do presente estudo “*A Carne*” (1888) com a personagem Lenita. Ambos projetaram no gênero feminino, as figuras de mulheres românticas, dissimuladas, ingênua, inteligentes, fugaz entre outras.

Toma-se *Iracema*, uma das prosas romântica indianista escrita por José de Alencar em 1865 que tem como protagonista Iracema – a virgem dos lábios de mel. Uma obra que retrata a figura do protagonismo da mulher romântica na cultura indígena dentro da literatura brasileira.

Nessa obra, tem-se a figura da mulher índia, de beleza exuberante, casta, guerreira, destemida, porém de peculiar respeito às tradições de sua cultura. Sua formosura reluzia em toda a natureza em sua volta. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo de jati não era mais doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado; era mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara (JOSÉ DE ALENCAR, 2007, p.5).

É uma obra que faz parte do Romantismo onde o autor acima supracita toda a beleza da índia Iracema, que depois de ser flagrada no seu banho por um homem branco português, ela o fere com sua rápida flecha em seguida, apaixonou-se perdidamente, vai aos poucos entregando-se a seu amor e fica submissa a ele.

Alencar, afirma:

Foi rápido como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido. De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião da sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida. O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. (JOSÉ DE ALENCAR, 2007, p.06)

Toda a obra é desencadeada, portanto, pela face do universo feminino revelando como se comportava a mulher romântica daquela época e cultura, que deixa povo, religião, deus e vai viver com o seu grande amor, condição esta, faz jus à verdadeira identidade da mulher romântica dentro da teoria literária do Romantismo Brasileiro cujo final, nem sempre é feliz. A índia era tida como ser culturalmente cativa a qualquer homem branco que não fosse de sua mesma descendência. Daí entende-se o paradoxo: uma clara submissão da indígena ao colonizador português. O outro lado da mulher romântica está presente na Literatura Brasileira, do autor Machado de Assis da obra *Dom Casmurro (Capitu, olhos de ressaca)* na figura da mulher que ama intensamente, porém é dissimulada.

Machado de Assis revela em suas obras realistas o ser humano como egoísta, traiçoeiro, capaz de dissimular para conseguir seus objetivos fúteis, ele não acredita no homem solidário, fraterno. Porém, apela ao leitor essa confusão psíquica e perigosa que as pessoas podem causar até mesmo os considerados amigos.

Analisa-se, Capitu (protagonista da obra *Dom Casmurro*): “Olhos de cigana oblíquos e dissimulados” (ASSIS, 2006, p.17). Dito isto, o autor caracteriza Capitu que aos quatorze anos como uma criatura forte e cheia, que gostava de andar apertada em um vestido justo de chita, desbotado. Cabelos grossos feitos trança com pontas atadas uma à outra. Traz em como características físicas um corpo moreno de olhos claros e grandes, de nariz reto e comprido, com boca fina e queixos largos. Assim é Capitu, mulher que tinha o poder de surpreender, dissimulada ao extremo, olhos que pareciam ressaca, leviana, fútil revestida de ambições de grandeza e luxo. Em uma crítica, foi comparada a uma aranha que devora o macho depois de fecundada. Uma mulher de personalidade forte e marcante, muito mais mulher do que seu companheiro Bentinho era homem. Capitu toma todo o romance e se protagoniza como a autêntica dona da trama romântica com traços típico de um drama.

Outro autor que retrata bem a identidade feminina da época, Aluísio de Azevedo, um dos maiores representantes do naturalismo no Brasil. Dentre suas principais obras naturalista, destaca-se “O mulato” (1881), “Casa de Pensão”(1884) e “O Cortiço”(1890) o foco da discussão desse estudo, mas especificamente a personagem Rita Baiana, no qual o autor caracteriza como uma calorosa mulata, estereótipo da mulher brasileira: atraente , sensual, de sorriso alegre que adora dançar, beber e viver cercada de amigos. O autor descreve Rita como uma autêntica baiana, uma mulher que brilha e encanta os homens e ao mesmo tempo desperta em muitas mulheres a vontade de tê-la como amiga ou em outros momentos, a inveja por ver tanta beleza e simpatia em uma só pessoa.

Aluísio Azevedo, 1890, p. 45, a descrevia assim,

[...] Rita havia parado em meio do pátio. Cercavam-na homens, mulheres e crianças; todos queriam novas dela. Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. (...) Cabelos crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta. (...) Dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador.

A partir das literaturas supracitadas a identidade feminina se traduz em diferentes concepções e que ao longo da história a mulher perpassa por diversos paradigmas, ora tratada como um ser inferior, de baixo intelecto, sem direitos, sem voz, sem vez, tida apenas como genitora de sua prole, ora como objeto de prazer, que

traz como único dote a sensualidade, sexualidade e o talento da sedução. Nessa perspectiva Jorge Amado, um autor que tinha um estilo próprio, linguagem própria, simples que retratou de uma forma muito peculiar e humorística a personalidade de quatro mulheres de natureza libertária, no qual provoca uma ruptura com a moralidade tradicional. Na personagem Gabriela (1958), Jorge Amado retrata uma mulher que expulsa do sertão nordestino pela seca, chega à cidade de Ilhéus, assume um trabalho de cozinheira no bar de Nacib.

Prendada, Gabriela se apresenta como uma excelente cozinheira, de temperos deliciosamente picantes, como vatapá, acarajés e outras iguarias, revestida em meio a um espírito sedutor, meio bicho, meio mulher, destoando das mulheres da sociedade local. Dentre as características marcantes de Gabriela revelada pelo autor, estão a princípio, os cabelos longos espalhados pelos ombros, solto, negro e encaracolados, vestindo trapos, que trazia um rasgão na saia, mostrando um pedaço da coxa cor de canela, seios fartos a mostra, subindo e descendo levemente ao ritmo de suas batidas cardíacas e entregue ao um sono suave, um rosto romanticamente sorridente, deixando seu Nacib completamente apaixonado.

Na obra de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), o autor busca mais uma vez romper com a moral hipócrita da classe média e da burguesia. A mulher é retratada como aquela que encarna as contradições tipicamente brasileiras, onde procura compensar em um casamento o que falta no outro. Desfruta da paixão e do erotismo vividos ao lado do boêmio Vadinho e da segurança trazida pela relação mantida com o farmacêutico Teodoro. Dona Flor é descrita como uma mulher apetitosa e insaciável e ao mesmo tempo uma alma carregada de ternura. Um corpo revestido por uma pele de cor bronzeada, cabelos lisos e negros, lábios grossos sensuais sobre os dentes alvos. É a segunda personagem feminina marcante do autor, impactando expressivamente na construção da identidade da mulher na segunda metade de 1965.

Tereza Batista (1972) mais uma figura que surge para somar a outras personagens femininas criadas pelo autor Jorge Amado, Gabriela e Dona Flor. Um romance com características fortes e revelador de muito heroísmo vivenciado pela personagem, que em meio às inúmeras atribulações e conflitos se consagra como uma das grandes protagonistas de Jorge Amado. Órfã de pai e mãe, com apenas treze anos, é vendida por uma tia a Justiniano Duarte da Rosa, conhecido na região como capitão Justo. Pobre Tereza, considerada literalmente como propriedade, em

todos os sentidos, inclusive sexualmente. Trava uma luta incansavelmente contra todo tipo de dominação. Como guerreira, se recusa a toda e qualquer forma de dominação e condições de fragilidade. Não aceita em condições alguma ser objeto e busca autonomia e não se cansa de lutar.

Outra personagem revelada por Jorge Amado de maneira bastante irreverente foi Tieta do Agreste (1977), mulher faceira de desejos cálidos, intensos e, cheia de amor pela vida. Dona de um corpo esbelto e elegante decide que sua vida precisa tomar novos rumos. Santana, interior da Bahia se torna pequena demais para o tamanho de sua ambição, ser rica e famosa. Menina sensual, menina mulher de forte apelo sexual, definida pela o narrador como uma cabra no cio. Namoradeira desde cedo, se deleita nas constantes fugas noturnas para encontrar-se com os seus pretendentes, nos espaços mais inusitados do lugarejo.

Moça formosa e atrevida, enfrentando a ira do pai e a denúncia da irmã: tem inveja porque nenhum homem repara em ti tribufu; atrevida desde menina, pastora de cabras nos oiteros da terra sáfara de Zé Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens [...] audaciosa, desleixada dos preceitos de Deus, igreja só pra namorar; a rir tão cínica e bela, na boleia do caminhão, rumo da Bahia [...] (AMADO, 1977: 36 – 37).

Embora vivendo em regime patriarcal, a personagem Tieta é definida como mulher que está além das bases do seu tempo, ex-pastora de cabras, expulsa de sua terra pelo o próprio pai. Viveu loucas aventuras amorosas de forma a escandalizar e abalar a moral e os costumes da pequena cidade de Sant'Ana do Agreste. Espancada, rejeitada e humilhada, embarca para São Paulo fugindo do modelo conservador implantado no pequeno vilarejo. Em resumo, Tieta volta para Sant'Ana tempos depois, rica, as custa de dinheiro ganho como dona e Cafetina de um Bordel.

Não cabe aqui detalhar toda história de Tieta, mas apenas ilustrar por meio de alguns fragmentos da obra que elucida a identidade feminina descrita por renomados autores, como forma de construir uma ideia acerca do perfil identitário feminino ao longo de todo um processo histórico social do nosso país. O comportamento de Tieta fugia em todos os aspectos aos padrões tradicionais da daquele período, conhecido como um modelo patriarcal. Pai de moral rígida, com princípios religiosos, cuidando para que a família fizesse jus as leis e os bons costumes.

Em suas obras, Jorge Amado busca revelar a identidade feminina em várias dimensões, do dramático ao humorístico, pautado numa visão irreverente e anárquica, segundo a qual os personagens oriundos das camadas populares estão fora do padrão de moralidade hipócrita da elite burguesa.

A participação da mulher em todo tempo e lugar na sociedade, historicamente sempre foi carregada de muito sofrimento, humilhação e marginalização. As literaturas revelam parte dessas histórias, mas muitas situações e crimes hediondos contra a mulher ficaram ocultos e sem registros, forjados em um silêncio sem fim e que perduram até os dias atuais.

3 VISÃO DA MULHER NA OBRA DE JULIO RIBEIRO A CARNE

A obra de Júlio Ribeiro *A Carne* foi publicada em 1888, no apogeu do Naturalismo, que retrata uma visão nada comum do cotidiano da sociedade daquela época. O respectivo autor nasceu em Sabará, Minas Gerais, em 16 de abril de 1845. Jornalista, gramático, filólogo e romancista, na academia Brasileira de Letras (ABL), ocupou a cadeira de número 24 (vinte e quatro). Filho de professora brasileira Maria Francisca Ribeiro Vaughan e do circence George Washington Vaughan.

A carne narra a história de Lenita, uma jovem que havia sido criada apenas por seu pai, pois sua mãe morrera logo após o seu nascimento. Seu pai lhe dera uma educação primorosa, acima da média. Quando completou 22 anos, o pai de Lenita veio a falecer e ela entra em estado de muita tristeza e abalo, afetando sensivelmente sua saúde.

Na obra *A Carne*, o autor retrata o gênero feminino, desvendando todo o protagonismo da mulher numa visão de um ser que traz em si uma natureza dominadora e dona de si. Lenita, uma mulher com comportamentos além do seu tempo (século XVIII) com fortes características e modos de mulher do século XXI. Com base na leitura dessa obra, ousa-se traçar uma discussão e esboçar uma rápida análise comparativa com a identidade das mulheres do mesmo século na ótica de outros autores.

Ribeiro (1888) descreve a protagonista como uma jovem romântica, culta que aos quatorze anos Helena ou Lenita como a chamavam era uma rapariga forte, de caráter formado e instrução acima do vulgar. Sua formação e cultura a fazia se distinguir na sociedade.

De acordo com o autor,

Lenita teve ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemática, de ciências físicas e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento. (RIBEIRO, 1888, p. 14)

No decorrer da obra, Lenita vive diferentes momentos, não sentia o menor interesse em casar, o que intrigava por demais o pai, que considerava importante que a filha casasse, usando de um argumento de estilo patriarcal, dizia: “filha, o homem fez-se para a mulher e a mulher para o homem”. O casamento é uma necessidade, não somente social, mas fisiológica. Não adiantava Lenita não sentia o desejo de casar e de maneira firme decidiu que não voltaria a falar mais no assunto. No entanto passava por sua mente a ideia de casar-se com um homem medíocre.

[...] E não falaram. Lopes Matoso ia despedindo os pretendentes com grandes afetações de mágoa – que a menina não queria casar, que era uma original, que ele bem que aconselhava, mas dava trabalho, não havia nada que suavizasse a repulsa. (RIBEIRO, 1888, p. 15).

Percebe-se que Ribeiro define Lenita como uma mulher além do seu tempo, revela uma identidade feminina com traços de personalidade não própria de muitas mulheres daquela sociedade. As condições sociais e culturais da maioria nesse século se pautavam numa condição de subalternidade. Esse perfil feminino não condizia com os que eram moldados pelos princípios morais da sociedade patriarcal. Percebe nessa trama certa ironia por parte do autor, principalmente que no que se refere à educação, pois não estava reservado esse deguste cultural tão variado à classe feminina.

A obra *A Carne* foi alvo de muitas críticas, com ideias abolicionistas Ribeiro defendia a ideia de Liberdade. Por meio da respectiva obra o autor vislumbrava contribuir para a transformação do modo de pensar dos brasileiros no século XIX. Ribeiro abordava temas polêmicos como divórcio, amor livre, perversões sexuais, sexos, nudez e o novo papel da mulher na sociedade, algo que até então era completamente ignorado na literatura.

Nessa vertente, o autor Júlio Ribeiro retrata a figura da mulher sob a pele da protagonista Lenita em sua obra “A Carne”, personagem que transparece todo o modo de ser e educação de uma mulher do século XXI, mas, com os moldes da mu-

lher do século XVIII, nos quais, elencam-se os aspectos educacionais, sociocultural, político e demais independências como: emocional, financeira, educacional bem como sexual. Naquele tempo, século XVIII, as mulheres jamais poderiam expressar seus anseios ou sentimentos mais recônditos por sentirem-se intimidadas e submissas a tudo que se refere ao seu parceiro.

Júlio Ribeiro, inspira-se no Naturalismo, Escola Literária criada por Charles Darwin, que ao criar tal personagem, fez com que todo o universo feminino quase velado, desnudasse frente à mulher que outrora, romântica, submissa e sujeita a todo tipo de capricho, machismo e perversões do sexo oposto porta-se em determinadas ocasiões com a mais admirável desenvoltura e intelecto; que além de ser bem articulada em todos os aspectos de sua vida, debate quaisquer assunto com o ser masculino rebaixando-o ao seu mais baixo nível intelectual constrangendo-o.

O presente estudo teve como enfoque principal o escritor Júlio Ribeiro, um autor naturalista que mostrou a realidade de forma explícita, deixando de lado, as donzelas e os cavalheiros abrindo espaço para a mulher inteligente e independente; descrevendo os instintos humanos com suas perversões sexuais, malícia e também o sofrimento dos escravos. Todo isto, está no romance naturalista “A Carne”, que foi publicado em 1888 e, causou escândalo entre as famílias tradicionais paulistanas da época. O romance foi mais do que um escarcéu sexual, tornou-se um dos livros mais discutidos e populares do país, gerando divergências de opiniões entre os críticos literários da época.

3.1 Análise da personagem Lenita: uma mulher além do seu tempo

Percebe-se então, que o Naturalismo Brasileiro teve como base a técnica francesa, servindo-se de temas, enredo e ação. Corroborando com o que fora mencionado, o mineiro Júlio Ribeiro pretendia exteriorizar tudo aquilo que sentia, isto é, dar respostas para a sociedade em repúdio a várias realidades e a tudo que de fato acontecia em torno desta, voltando-se para o país em busca de inspiração.

O naturalismo de Júlio Ribeiro na obra *A Carne*, veio quebrar o romantismo imposto e instaurar o realismo/naturalismo a fim de chocar a sociedade hipócrita da época, demonstrando os desejos mais íntimos do gênero feminino, uma luta constante entre a mente e a carne, mostrando desejo sexual na mulher, perversões, nudez e sexo.

Sobre esta reflexão Bosi (2006, p. 193) enfatiza que “O naturalismo puxado até o limite, faz o processo à natureza, o que nos dá conta da carência de frescor nas descrições além da queda fatal dos homens, duplamente sujeitos à lei do sangue e às opressões do ambiente”.

Lenita, aquela que deixa-se conduzir por seus mais recônditos instintos sexuais sem importar-se com as convenções e preconceitos impostas pela sociedade daquela época, pois, para ela, o mais importante era a plena satisfação dos desejos. Nesse viés, a mulher já não era a caça e sim a caçadora de seus desejos, delícias e prazeres; comportamento outrora, cabível somente aos homens, só que agora pertencia à mulher sem quaisquer pudores ou impedimentos.

A obra “*A Carne*”, trouxe à tona os instintos ligados ao corpo como paixões e volúpias proibidas e indignas aos homens que vivem uma vida decente em sociedade. Divórcio, gravidez e desejo sexual substituem a dignidade e nobreza no espírito do herói romântico que vivia longe dos desejos da carne. (Ribeiro, 2006, p.150).

Lenita protagonizou a personagem de uma mulher muito educada e dotada e vastos conhecimentos além dos tradicionais para àquela sociedade, nos quais somente alguns homens e de grandes posses financeiras poderiam ter. Quebra-se então, todo o paradigma da educação de uma mulher do século XIX, que era educada somente ao necessário, aos afazeres domésticos, ser boa mãe e esposa.

3.2 Lenita: linguagem e comportamento

Lenita, protagonista de uma célebre e chocante obra que, para o autor Júlio Ribeiro foi palco de burburinhos para a sociedade daquela época e alvo de inúmeras críticas por seus colegas escritores. Por tratar-se de um enredo polêmico, condensado de temas que no mínimo curioso, Lenita, é uma mulher retratada com padrões educacionais nada usuais para a época ou tidos como normais numa sociedade extremamente tradicional e preconceituosa.

Personagem diferente, ativa com intensos desejos sexual, bem instruída pelo pai, que antes de falecer, lhe deu todo um conhecimento acima dos costumes a que era destinado às outras mulheres da época. Então, Lenita tinha um alto conhecimento sobre ciências humanas naturais, sociológicas, línguas e outros. Com a perda do pai, a protagonista teve grandes perturbações nervosas, e só foi saciada pelos desejos sexuais. Mesmo diante dos acontecimentos e dos preconceitos sobre ela de se envolver sexualmente com um homem casado e mais velho, ela não temia, queria ir além como se observa neste fragmento:

Lenita não se podia arredar, estava presa, estava fascinada (...). Atormetava-a um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se lhe que havia de ter gozo infinito se toda força do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a em pedaços. E tinha ímpetos de comer de beijos as formas masculinas estereotipadas no bronze (...) sentia-se ferida pelo agulhão da carne, espoliava nas concupiscências do cio. (RIBEIRO 1999, p. 21).

Lenita vai em frente, assume o risco de envolver-se sexualmente com Barbosa um homem casado, e decide ir buscar o objetivo, vai ao quarto do amante e alivia-se dos prazeres do sexo, assim como tantos homens faziam com as escravas, mas, era ela que dominava seu prazer ardente. Era a protagonista soberana dominada pelos nervos, pelo sangue, arrastada a cada ato de sua vida pela própria carne. Já não se importava com a sociedade, pois era rica, bonita e tinha o pensamento moderno ao relatar o triste desfecho do enredo – o suicídio de Barbosa, motivado pela traição de Lenita, isso na verdade mostra supremacia da mulher, onde a inteligência de Lenita fez com que ela compreendesse o que era melhor pra si, casar-se e dá um pai para seu filho, já que Barbosa era casado e não podia divorciar-se. Sobre esta questão elucida Bosi (2006, p. 191):

A consciência do naturalista aparece como um fato de origem fisiológica, por tanto inapelável (...) o naturalista acaba fatalmente estendendo a amargura da sua reflexão a própria fonte de todas as suas leis: a natureza humana afigura-se-lhe uma selva “selvaggia” onde os fortes comem os fracos.

A personagem Lenita provocou um choque na sociedade no final do século XIX causando verdadeiro escândalo num período em que a identidade da mulher era de um ser passivo, devendo sempre ser obediente e inferior aos homens.

3.3 Lenita: sexualidade, educação e personalidade

Lenita, aquela que deixa-se conduzir por seus mais recônditos instintos sexuais sem importar-se com as convenções e preconceitos impostas pela sociedade daquela época, pois, para ela, o mais importante era a plena satisfação dos desejos. Nesse viés, a mulher já não era a caça e sim a caçadora de seus desejos, delícias e prazeres; comportamento outrora, cabível somente aos homens, só que agora pertencia à mulher sem quaisquer pudores ou impedimentos. A obra não causou espanto só pelo o forte apelo erótico da trama, mas, sobretudo por causa da personalidade da protagonista descrita pelo o autor, mulher forte, independente, rica, inteligente, ainda que ela se revelasse numa figura erótica e arrebatadamente sexual, situação inaceitável para a sociedade vigente.

Lenita, dona de si e seus desejos, a princípio, não queria casar-se. Já as outras mulheres de sua mesma idade, porém, de educação inferior à sua, sim. Era o que mais prevalecia às mulheres do seu tempo – casar, pois, além de tratar-se dos padrões educacionais numa sociedade totalmente convencional, não lhes restavam outra escolha. Após apaixonar-se perdidamente por um homem mais velho, casado, porém separado a tempos de seu cônjuge, Lenita tentara resistir, mas, deixou-se levar pelos arroubos da paixão.

E indignava-se, achava-o tímido, queria que ele a adivinhasse, que lhe retribuísse o amor, que sentisse por ela o que ela sentia por ele, que se confessasse por sua vez subjugado, cativo. Amar ela, Lenita, a um homem, e não ver esse homem aos seus pés rendido, aniquilado, absorvido?! Impossível. [...] Lenita admirava-lhe cada vez mais a flexibilidade do talento, que a tudo se abalçava, que para tudo tinha *criterium*, que de tudo decidia com justiça. A admiração pelas faculdades intelectuais elevadíssimas de Barbosa envolvia-se mansamente, naturalmente, para uma admiração pelas suas formas, para um desejo de seu físico, que a dementava a ela, que a punha fora si. (RIBEIRO, 2006, p.82).

Não resistindo mais, entregou-se ao amor. Menciona (Ribeiro, 2006, p.39 e 40) que: “E concluía que aquilo era um estado patológico, que minava um mal sem cura. Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado, era fisiológico. O que ela sentia era o agulhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era voz da carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie”.

Sob o aspecto sociocultural e educacional da época, observa-se então nessa obra que o autor, não poupou aos leitores de todas as classes sociais sem nenhuma distinção, certos tipos de assuntos até então, direcionados e pertencentes somente aos homens pois, as mulheres eram excluídas e terminantemente proibidas por seus maridos de ler tais obscenidades ou até mesmo falar de tais assuntos; uma afronta à moral e aos bons costumes. Esses, não lhes pertenciam já que não foram educadas para isso e caso o fizessem eram punidas.

Nessa vertente menciona Moisés (2006, p.187):

A educação não faz as almas: exercita-as. E o exercício moral não vem das belas palavras de virtude, mas do atrito com as circunstâncias. A energia para afrontá-las é a herança de sangue dos capazes de moralidade, felizes na loteria do destino. Os deserdados abatem-se.

Quanto a questão da sexualidade, Lenita não era uma mulher comum, cheia de ímpetos, enfrentava os seus desejos carnis da forma mais obscenas que podia. Caía nos braços de Barbosa sem nenhum pudor. “A naturalização desses “instintos animais” é recorrente no livro, principalmente, após os dois protagonistas se conhecerem pessoalmente”. (OLIVEIRA, 2016, p.48).

Lenita, não se considerava feliz, com um conhecimento tão elevado, não conseguia dominar seus desejos carnis. De uma mulher ativa, dona de suas vontades e de sua vida à submissa, permitindo que o seu amante Barbosa tome o controle de todas as situações, até mesmo as mais singulares. Permite ser cuidada, se torna frágil para que ele se sinta forte. Em uma passagem o autor explicita que Lenita "Achava uma delícia inefável em ser mulher para que Barbosa fosse homem." (RIBEIRO, 1988, p.71). Destarte, percebe-se que principalmente no aspecto da sexualidade, a protagonista deixava-se levar pelos ímpetos sexuais sem cerimônias ou rodeios não importando-se com opiniões ou convenções – queria mais era satisfazer seus desejos da carne seja como fosse, ainda que pra isso assumisse o papel de passividade na arte do amor.

4 CONTEXTO SOCIAL POLÍTICO E EDUCACIONAL DA MULHER DO SÉCULO XX E XXI

Já com a Proclamação da República (15 de novembro de 1889), o feminismo criou grandes esperanças para vir à tona pela ótica da participação das mulheres na política. Mas se consolidou um pouco mais tardio, posteriormente.

A partir do século XX houve uma efervescência sobre a questão do tema “mulher e trabalho” com a industrialização as mulheres começaram a ter um espaço ainda que tímido preconceituoso e muitas vezes sendo abusadas pelos patrões, porém existiu um despertar influenciados pelos ideais feministas europeus e absorvidos aqui no Brasil, passou-se assim a criar sindicatos para as trabalhadoras com ideologias anarquistas. Conseqüentemente, pode-se citar um ponto significativo a “SEMANA DE ARTE MODERNA” ocorrida em São Paulo em 1922, no ensejo foi criada “LIGA PELA EMANCIPAÇÃO FEMININA” - Órgão que reivindicava direitos de equidade tanto política, educacional e social (voto feminino, liberdade de trabalho, etc). Fatores esses que permitiram a crescente participação da mulher como cidadã. Menciona-se que: “As feministas também consideraram a imprensa um meio importante de difusão do saber, e insistiram em que as mulheres lessem jornais para conhecer seus direitos e obrigações”. (HAHNER, 1993, p.51)

Citam-se algumas conquistas femininas: o voto (1932), pílula anticoncepcional (1970), Declarado pela Organização das Nações Unidas (ONU) “O Ano Internacional da Mulher” (1975) na mesma década surgimento de jornais ,revistas feministas, programas e a Lei do Divórcio etc.

A posteriori, faz-se necessário fazer uma breve alusão a respeito da mulher no século XXI. Sabe-se que a mulher em tempos remotos era uma “ser” destinado à procriação; aos cuidados do lar e ainda incumbida de fazer uso das normas, costumes e crenças com o propósito de agradar a outros, ou seja, a mulher era obrigada a abrir mão de seus gostos, vontades e desejos para dá lugar a uma “dama” moldada pela sociedade vigente. Não obstante, muitas delas nem se davam conta que estavam abrindo mão de sua essência, uma vez que, viver para agradar o outro, era algo impregnado em suas vidas em decorrência de uma cultura que se fazia firme e imutável. Em consonância ao que foi dito Carla Bassanezi (2003, p. 93) menciona que:

Para as ciências sociais e humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo autônomo. Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, baseando-se no raciocínio de há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto, a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura. Assim, o gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não da decorrência da anatomia de seus corpos.

Nesse tocante, não se pode menosprezar ou rotular a potencialidade da mulher como mera cuidadora do lar: O que é afazeres de homem e afazeres de mulher. Assim, diante dos acontecimentos históricos e sociais (Brasil: Colônia, Império, República) pelas quais as mulheres lutam em séculos posteriores atualmente tornou-se realidade: construiu-se uma nova reflexão do ser mulher, não pautada em costumes, crenças obsoletas, mas na necessidade da essência feminina quebrando paradigmas ultrapassados. Percebe-se em um dos monumentos ideológicos que enaltecem e reconhecem o seu mérito na contemporaneidade, Segundo Melo (2013, p. 42):

[...] o dia 8 de março é um marco na luta pelos direitos das mulheres ao redor do mundo. Se fosse possível retroceder no tempo e contar a um cidadão no começo do século xx que as mulheres hoje, votam, têm media de escolaridade maior que a dos homens, governa países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato.

Partindo do pressuposto que a sociedade se concebeu centrada no homem, a aceitação de que a mulher já não é mais a mesma se apresenta de forma lenta, no entanto, são bem visíveis e dignas de reconhecimento. Atualmente homens e mulheres são passíveis de comparação, uma vez que a mulher passou a exercer funções que até então eram desempenhadas pelo sexo masculino.

O século XXI atesta essa nova realidade, com mulheres desempenhando diversas funções no mercado de trabalho; mulheres independentes que não mais se sujeitam a violência doméstica, mulheres ativas e com voz na sociedade a qual está inserida tomando decisões que norteiam seu convívio social. Refletindo nessas questões pertinentes ao machismo e violência contra a mulher que em tristeza ainda resiste foi sancionada a LEI MARIA DA PENHA, 11.340, esta tem por finalidade proteger, amparar e punir a crimes de violência contra a mulher (em âmbito familiar e afetivo), esta cuja em sua trajetória vem sendo estigmatizada tanto fisicamente como psicologicamente. Além disso, em 2006 foi aprovada também A LEI DO FEMINICÍDIO, 13.104 (mesmo que não tenha relação com a vítima). É verídico que foi uma

audaciosa conquista, pois não se pode permitir na sociedade atual e nunca mais crimes contra a mulher. Porém, em meio a lutas é notório que dados estatísticos revelam situações assustadoras quanto à questão da violência contra a mulher. Zaidan, Pellegrini e Paulina (2017, p.126) cita: “Treze mulheres assassinadas por dia. Essa triste estatística põe o país em quinto lugar entre as nações mais cruéis- atrás apenas de El Salvador, Colômbia, Guatemala e Rússia.”

A pesar das constantes vitórias obtidas pelas mulheres e da proteção em que as leis às dão a realidade é que a mobilização da sociedade em não aceitar e punições severas e o que realmente as mulheres cotidianamente vêm se organizando: associações, ONGs, etc. A educação, conhecimento e informação e denúncias são bases para erradicar esse mal social. Em contrapartida a independência da mulher quanto a questão educacional, profissional e financeira está em alta. Segundo Zaidan, Pellegrini e Paulina (2017, p.123): “Em 1995 as mulheres chefiavam 23% dos lares. Agora 20 anos depois, 40% diz o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).”

Esse desempenho deve-se ao “empoderamento” feminino gerado pela constante luta das mulheres no que tange a emancipação escolar, financeira, profissional e pessoal. Essas e outras conquistas deve-se a escolarização crescente feminina atuante e compromissada agora não apenas trancafiada em seu “lar”, mas almejando e participando para assim, além dos horizontes mostrarem o sua ideologia. Gabriela Malta (2017, p. 20) relata:

Equação feminina professora gaúcha Nara Bigolin quer aumentar a participação de garotas nas olimpíadas científicas internacionais e com isso, empoderá-las [...] Apenas 15% na graduação de computação são mulheres. Na física esse percentual cai ainda mais. É um universo machista [...] Claro é um problema cultural: desde pequeno o menino é estimulado a fazer experimentos e quer ser cientista, em quanto que menina brinca de boneca, a fim de transformar esse cenário, Bigolin fundou, ano passado, o projeto meninas olímpicas. Seu objetivo é aproximar as garotas da ciência e aumentar a participação delas em olimpíadas internacionais [...] Em abril, pela primeira vez o Brasil participou da olimpíada europeia de matemática feminina, na Suíça, com quatro candidatas [...] Mariana e outra aluna cearense levam o bronze na competição, baita vitória. Bigolin aposta na educação com forma de empoderadas novas gerações.

Assim, percebe-se que foi nesse século que as mulheres mais avançaram em vitórias merecidas, após muitos anos de lutas. Hoje homens e mulheres possuem os mesmos direitos e deveres e isso se reflete na observação de que há mais mulheres dominantes na sociedade. A Constituição brasileira e as Leis Trabalhistas

vigentes se adequaram a muitas reivindicações em benefício para as mulheres: licença maternidade, período para amamentação, etc. E certo que este não é um tema “fechado”, “acabado”, mas, têm-se muito que comemorar as reflexões que as mulheres deixaram, deixam e deixarão na mentalidade das pessoas em todas as épocas o que todo ser humano necessita de “respeito”.

A sociedade é quem ganha e a mulher, nunca deixará de ser importante: no lar, no trabalho, na escola onde seja. Não há diferença entre capacidade ou valor, pois todos têm direitos iguais, foi e continua sendo a realidade das mulheres. Na atualidade muito se precisa melhorar, não está tudo perfeito, ainda há disparidade de salários, pois as mulheres desempenhando as mesmas funções que os homens, ganham menos que estes. Conforme Zaidan, Pellegrini e Paulina (2017, p.124): “Em matéria de salário, ainda estamos na retaguarda. As mulheres recebem em média, 76,1% do rendimento dos homens, o que pode piorar com a terceirização recém-aprovada se não houver fiscalização.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, analisou-se mulher, a partir da personagem Lenita, presente na obra de Júlio Ribeiro, “A Carne”, *publicado em 1888*. Aliado à análise também comparativa do perfil da mulher dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI comparando-se também com o perfil da mulher nas obras de outros autores clássicos da Literatura Brasileira.

Ao tecer essa discussão a partir da personagem Lenita, presente na obra de Júlio Ribeiro “A Carne”, pode-se observar criticamente os processos históricos discursivos sobre o universo feminino, os problemas humanos e socioculturais proclamados nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, fazendo um paralelo com a natureza discursiva que define e compõe a identidade da mulher e o seu papel na sociedade contemporânea juntamente com a mulher.

Após toda a pesquisa, elucidou-se que a protagonista Lenita é uma mulher do século XVIII, porém além do seu tempo; jovem de família rica e que foi criada e educada por seu pai; é muito inteligente e instruída a conhecimentos seculares: leitura, gramática, natação, ginástica, matemática, etc. Era mestra em quase todas as áreas do conhecimento, e se considerava superior em quase tudo. Lenita nunca pensou em casar-se, pois não havia homem ao seu patamar.

Este estudo teve como enfoque principal a análise linguística discursiva da personagem Lenita da obra “A Carne” do escritor Júlio Ribeiro, escrita no século XVIII, um autor naturalista que mostrou a realidade de forma explícita, deixando de lado, as donzelas e os cavalheiros abrindo espaço para a mulher inteligente e independente; descrevendo os instintos humanos com suas perversões sexuais, malícia e também o sofrimento dos escravos.

Tudo isto, está no romance naturalista “A Carne”, que foi publicado em 1888 e, causou escândalo entre as famílias tradicionais paulistanas da época. O romance foi mais do que um escarcéu sexual, tornou-se um dos livros mais discutidos e populares do país, gerando divergências de opiniões entre os críticos literários da época.

Ao tecer uma análise da personagem Lenita, buscou-se identificar os aspectos sócios linguísticos discursivos, em relação à identidade da mulher no decorrer do século XVIII. No decorrer da pesquisa verificou-se o conceito e o significado de ser mulher, a construção de sua identidade no discurso do autor ao criar a personagem Lenita, especificando-se os paradigmas a que a obra se refere e à figura feminina no

contexto masculino no século XVIII. Visando aprofundar-se nessa temática, buscou-se estabelecer um paralelo entre os aspectos linguísticos discursivos referentes à identidade da mulher e o seu papel na sociedade do século XVIII em comparação com a da mulher da sociedade contemporânea.

Percebeu-se que dos séculos passados aos dias atuais, a mulher, tem sido o centro das atenções sobre o ponto de vista educacional, sociocultural, comportamental e sobre outros vários aspectos. Cada vez mais, sua presença vem tornando-se marcante e indispensável. Historicamente observa-se que a mulher era requisitada para desempenhar apenas o papel do lar, o de boa esposa, boa mãe e demais atribuições, hoje, a mulher contemporânea, além de arcar com suas responsabilidades domésticas e familiares, ela desempenha também uma grande jornada de trabalho por estar inserida no mercado de trabalho com cargos de equivalência igual ao do homem.

Verifica-se por meio dos discursos literários e midiáticos, que a mulher vem conquistando o seu espaço sobre vários aspectos no que diz respeito ao trabalho, a independência financeira e política e nas mais variadas esferas sociais. Mais vale ressaltar que os direitos de igualdade continuam plenamente a ser um sonho dourado a ser conquistado.

REFERÊNCIAS

AMAURY, Emília. et al Português: **Novas Palavras: Literatura, Gramática e Redação**. São Paulo: FTD, 2000.

BASSANEZI, Carla. **Igualdade e Especificidade**. São Paulo: contexto, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43^a ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44^a ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 19^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. Ed. São Paulo: Perarson Prentice Hall, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 12^a ed. Rio de Janeiro: FAPESP, 2009.

D'ONOFRIO, SaLvador. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIGUEIREDO, Luciano. **Discutindo a História do Brasil, mulher e família na América Portuguesa**. São Paulo: Atual, 2004.

HAHNER, J. E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. Trad. Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MALTA, Gabriela. Equação feminina. **Revista Claudia**. São Paulo: Abril, n 56, p 20, Maio. 2017.

MELO, Alexandre. Fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Abril, n.267, p. 48 -52, Março. 2013.

MOISÉS, Massud. **A literatura brasileira através dos textos**. 26^a ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

----- **Criação Literária: poesia.** 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

----- **História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo, vol. II.** São Paulo: Cultrix, 2001.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria: **Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Cândido. **De Súmulas de Literatura Brasileira.** 18ª ed. São Paulo: Gráfica Biblos LTDA, 2006.

OLIVEIRA, Nielly Lizandra Silva de. **GÊNERO E LITERATURA:** uma análise da sexualidade e educação feminina na obra “a carne”, de Júlio Ribeiro. NATAL/RN **2016.**

RUIZ, Álvaro João. **Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RIBEIRO, Júlio. **A Carne.** São Paulo: Martin Claret, 1999.

OLIVEIRA, Cândido de. **Súmulas de Literatura Brasileira.** 18ª ed. São Paulo: Gráfica Biblos LTDA, 2006.

ZIDAN, Patrícia; PELLEGRINI, Denise; PAULINA, Iracy. **A Reforma das mulheres. Revista Claudia.** São Paulo: Abril, n 56, p. 122-129, Maio. 2017.